

Isolamento, histórias da segregação dos hansenianos no Amazonas¹

Eric Gamboa Tapajós de JESUS²

Antônio José Vale da COSTA³

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

RESUMO

Este trabalho parte das histórias de cinco personagens para contextualizar a política de isolamento compulsório dos portadores da hanseníase no Brasil até a descoberta de um tratamento adequado e cura, na década de 1970. A segregação dos hansenianos foi institucionalizada no país em 1949, por meio da lei federal nº 610, que obrigava a internação, a denúncia e a perseguição dos doentes. Com base nos relatos e argumentos dos entrevistados, o anexo deste trabalho, o livro-reportagem “Isolamento, histórias da segregação dos hansenianos no Amazonas” apresenta o contexto histórico, o tratamento e como viviam os segregados, reconstruindo e apresentando ao leitor um recorte da vida dessas pessoas sob a ótica de que as consequências do isolamento ainda existem, assim como os mesmos preconceitos que os pacientes viveram quando ainda não existia tratamento para a doença.

PALAVRAS-CHAVE: Hanseníase; Amazonas; jornalismo.

1 INTRODUÇÃO

A hanseníase é uma doença infecto-contagiosa, causada pelo bacilo de Hansen e que afeta a pele e os nervos. Catalogada na Classificação Internacional de Doenças (CID) sob o código A30, atualmente, segundo o Ministério da Saúde, tem cura e tratamento gratuito no Sistema Único de Saúde (SUS), permitindo aos pacientes plena recuperação sem deixar sequelas, como a perda e atrofia dos membros que estigmatizaram os doentes no passado.

Como as deformidades causadas pela hanseníase (lepra, como era conhecida) eram muito graves e a medicina em meados do século passado não havia descoberto a cura para o mal, adotou-se oficialmente no Brasil, em 1949, o isolamento obrigatório e por vezes coercitivo dos doentes em hospitais-colônias especificamente criados para este fim. Com a publicação da lei nº 610/49, passou a ser compulsória a internação dos hansenianos em locais distante dos centros urbanos, mas esta prática já ocorria há muito tempo em alguns Estados, como em São Paulo e no próprio Amazonas, mas a partir da lei tornou-se procedimento padrão adotado pela política de saúde do país.

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo (II), modalidade livro-reportagem (o).

² Aluno líder do grupo e graduado no Curso Comunicação Social – Jornalismo (2011), email: eric@gamboas.info.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso Comunicação Social, email: tomze@oi.com.br.

A proposta de escrever sobre a segregação dos portadores da hanseníase no Amazonas ocorreu há cinco anos, em 2006, quando deparei-me com as condições atuais dos doentes que foram isolados compulsoriamente do convívio social a décadas atrás. O primeiro contato com as histórias relatadas pelos personagens – que entrevistava para uma matéria jornalística publicada no extinto jornal O Estado do Amazonas, em Manaus – foram chocantes o suficiente para despertar a indignação. Depois de extinto o isolamento, os doentes foram praticamente esquecidos porque o Estado não providenciou a devida reabilitação ao meio social do qual eles foram retirados. Atualmente, muitos dos ex-internos dos hospitais-colônias vivem em asilos não somente no Amazonas, mas em todo o Brasil. A maioria dos que não foram para lares de idosos continuam a viver no bairro Antônio Aleixo, zona Leste de Manaus, onde à época da política do isolamento, funcionou o principal “leprosário” do Estado. Neste lugar, os doentes que eram casados receberam casas do governo estadual, onde moram até hoje, mesmo após a abertura das colônias, nos anos 1970-1980.

Este trabalho tem como produto final um livro-reportagem escrito com base em relatos da vivência de cinco personagens que foram isolados nos hospitais-colônias Belisário Pena, em Iranduba, cidade a 32 quilômetros de Manaus, e Antônio Aleixo, na capital. Os relatos se cruzam não no tempo, mas na maneira como todos eles seguiram para a segregação. O livro, que reconstrói a história vivida por eles é um resumo desse período no Amazonas e um importante documento que pereniza os anseios desse grupo de pessoas que foram vítimas da política do isolamento.

Na estrutura do livro, cada personagem representa uma problemática ou um conflito pessoal que exprime a condição de outros tantos segregados, mas todas as histórias tem como ponto em comum o momento em que cada personagem foi isolado. Curioso é destacar que as histórias se assemelham no modo como todos foram transportados para os hospitais-colônia onde seriam internados: rebocados em uma canoa amarrada a um barco para evitar o contato com as pessoas sadias. A cena, descrita por todos os personagens ilustra a capa do livro.

Retirados do convívio familiar, perderam as referências de pais e irmãos e de parte de suas vidas. Quando tiveram oportunidade de retornar à vida social, com o fim da política do isolamento, já não tinham como, pois após décadas, os laços afetivos não se reconstroem da mesma maneira como foram desfeitos. O longo tempo distante e a ausência do convívio em

família foram determinantes para que o isolamento continuasse mesmo após a abertura dos hospitais-colônias.

Apesar de contextualizar o período no espaço e no tempo em que aconteceram, este trabalho também propõe um olhar contemporâneo para a situação dessas pessoas. Além das histórias de pessoas segregadas por conta da hanseníase, o livro também aborda o movimento dos filhos de hansenianos segregados, que foram separados dos pais quando crianças – em muitos casos logo após o nascimento – e que hoje buscam indenização do Governo Federal como forma de compensação pelo que passaram. Os isolados já conquistaram o direito à indenização e pensão, mas os filhos ainda buscam esses benefícios. Os personagens que emprestam suas histórias ao livro são: Almeirinda Silva de Souza, 77 anos, à época das entrevistas, entre agosto de 2009 e março de 2010. Ela foi para o isolamento em 1947 e faleceu em 2010; Azamor Gonçalves Pinheiro, 82, internou-se no hospital-colônia Belisário Pena, em 1941; Maria Zuleide de Moraes Pinheiro, 72, esposa de Azamor, foi internada em 1950; Raimundo Barreto Matos, 70, também internado em 1950 e Valdenora da Cruz Rodrigues, 51, isolada no hospital-colônia Antônio Aleixo, em 1968, e na época das entrevistas era presidente do Movimento de Reintegração dos Hansenianos no Amazonas (Morhan).

Há um sexto personagem que tem parte da história retratada com base em um livro sobre sua vida e vasto material bibliográfico publicado em site na internet destinado à sua memória. Trata-se de Francisco Augusto Vieira Nunes, o Bacurau, fundador do Movimento de Reintegração das pessoas atingidas pela Hanseníase (Morhan). A entidade surgiu na década de 1980 para reivindicar melhores condições de reabilitação social dos segregados. Hoje, a entidade tem como bandeira os mesmos ideais somados às reivindicações dos filhos dos segregados. A história de Bacurau é contada no penúltimo capítulo do livro e é seguida por uma reflexão atual sobre os filhos e os doentes que foram isolados.

2 OBJETIVO

Produzir o livro-reportagem “Isolamento, histórias da segregação dos hansenianos no Amazonas” com depoimentos de pessoas que foram isoladas compulsoriamente por serem portadores da hanseníase.

O referido livro tem como objetivos específicos abordar as consequências do isolamento obrigatório para as relações familiares dos pacientes na época em que foram internados e

nos dias atuais; apurar as condições de isolamento a que foram submetidos os segregados; expor os métodos usados pelo Estado para proceder a internação compulsória.

3 JUSTIFICATIVA

Os personagens apresentados no livro-reportagem (produto final deste trabalho) têm, ou tinham, entre 51 e 82 anos quando foram entrevistados. Em pouco tempo, registros como este não poderão mais ser feitos porque os protagonistas das histórias já não poderão mais contá-las por serem idosos e muitos já apresentarem dificuldades inerentes à idade. Mais um tempo à frente, já nem estarão aqui para dialogar ou reivindicar, como dona Almeirinda e seu Azamor, que faleceram antes da conclusão deste trabalho.

Saber que a doença, apesar de contagiosa, tem cura e atualmente, através do tratamento adequado e gratuito, não deixa mais sequelas, é algo que só se tem conhecimento pesquisando e lendo sobre o assunto. E para quê saber disso? Primeiro para ter conhecimento de nossa própria história. Depois, para através do conhecimento promover o respeito às pessoas que foram vítimas do tratamento médico da hanseníase através da segregação e, não menos importante, promover uma reflexão sobre a prática do isolamento enquanto política de saúde do governo brasileiro no século passado.

Em 2011, a lei nº 610/1949, que instituiu o isolamento compulsório dos doentes completou pouco mais de seis décadas. Antes de dela, os “leprosários” já existiam, mas a internação não era um procedimento oficial do Estado. Depois dela, não houve mais alternativas para os doentes a não ser a internação, o isolamento.

Aprofundar-se no assunto revela que a abordagem da trajetória dos hansenianos no Amazonas, sob a ótica de um conflito ainda atual, pouco tem espaço na grande mídia. Esta ignora o caráter questionador do jornalismo e privilegia a espetacularização ao explorar, na maioria das vezes, somente a imagem mutilada dos doentes, com pouca ou sem nenhuma conexão com as suas necessidades atuais. O problema vivido pelos hansenianos que foram isolados ainda não passou. Eles têm histórias para contar e reivindicações a fazer para ter o reconhecimento de que foram injustiçados em algum momento de suas vidas. Além disso, querem reclamar que ainda hoje não sabem quem são seus descendentes ou ascendentes e que a culpa por tudo isso é de uma política pública de saúde.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para subsidiar o trabalho, foram feitas pesquisas bibliográficas e documentais sobre o tema hanseníase e os hospitais-colônias Antônio Aleixo e Belisário Pena, ambos localizados no

Estado do Amazonas, nos municípios de Manaus e Iranduba, respectivamente. Para a seleção dos cinco personagens que compõem o livro, foram feitas cerca de 20 entrevistas sem registro de imagens e posteriormente escolhidos nove personagens que foram entrevistados com gravação dos depoimentos em vídeo, formato mini-DV, perfazendo um total de 30 horas de gravações em formato audiovisual.

As pesquisas de campo dos personagens começaram em julho de 2009 e as filmagens em agosto do mesmo ano, estendendo-se até maio de 2010. Como a proposta inicial tinha como produto final um documentário, também foram gravadas imagens de apoio do cotidiano no bairro Antônio Aleixo, onde funcionava um hospital-colônia e as ruínas do hospital Belisário Pena, na vila do Paricatuba, município de Iranduba. Nesta ocasião, uma das entrevistadas, Almeirinda Silva de Souza, de 77 anos, foi a guia durante a filmagem, apresentando todos os cômodos do prédio abandonado e contando em detalhes como era a vida no lugar antes da desativação. Os personagens consentiram com a divulgação das entrevistas por meio de termo de consentimento e, conforme orientação da Associação de Cinema e Vídeo do Amazonas (ACVA), filiada à Associação Brasileira de Documentaristas e Curta-metragistas (ABD), os que não tinham condições físicas de assinar, declararam o consentimento, que foi gravado em vídeo.

As pesquisas bibliográficas e documentais foram feitas na Biblioteca Central da Universidade Federal do Amazonas (Ufam) e na biblioteca do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (Igha), onde foram consultados livros, decretos, boletins epidemiológicos e jornais do período entre 1890 e os dias atuais. Trabalhos científicos também foram consultados em sites de diversas universidades do país e também houve pesquisa de legislação no site do Senado Federal (www.senado.gov.br) e da bibliografia do fundador do Morhan, Francisco Augusto Vieira Nunes, o Bacurau, no site oficial dedicado à sua memória (www.casadebacurau.com.br).

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Livro em formato 14X21 centímetros, 98 páginas. Capa: impressão à laser em papel couchê 180g e miolo em papel sulfite 75g, também com impressão à laser.

6 CONSIDERAÇÕES

Desde o início do projeto, quando a proposta era ter como produto um documentário, tinha-se a ideia de trabalhar a estética do filme sem explorar as sequelas da doença nos

personagens, focando o apelo do vídeo nos relatos; nas histórias que trariam aos espectadores um pouco da realidade vivenciada por aquelas pessoas. O objetivo era dar voz a esse público que foi segregado e despertar o interesse de quem assistisse ao filme para um pedaço da história do Brasil que ainda hoje não é tão clara, entre outros fatores, porque pouco é exposta e questionada pela grande mídia. “Isolamento, histórias da segregação dos hansenianos no Amazonas” foi concebido para, através de simples relatos, chamar atenção e dar voz aos que precisam falar sobre suas vidas e reivindicar o que lhes é direito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELO, E. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

CURI, Luciano Marcos. **Defender os sãos e consolar os lázaros**: lepra e isolamento no Brasil 1935/1976. Uberlândia: UFU, 2002. 234 p. Dissertação - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, 2002.

FEITOSA, Adilia M. Machado. **A institucionalização da hanseníase no Ceará**: do leprosário de Canafistula ao Centro de Convivência Antônio Diogo. Fortaleza: UECE, 2008. 99 p. Dissertação - Mestrado Profissional em Planejamento e Políticas Públicas, Universidade Estadual do Ceará, 2008.

KLEIN, Daniel da Silva. **Bacurau**: uma vida, uma história. Brasília: Editora do Senado, 2005.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

_____. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Manole, 2008.

_____. **Conceitos**. Academia Brasileira de Jornalismo Literário. Disponível em: <<http://www.abjl.org.br>>. Acesso em 1º dez. 2011

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Manual de Leprologia**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1960.

OLINTO, Antonio. **Jornalismo e literatura**. 2. ed. Porto Alegre: JÁ, 2008.

VÁZQUEZ MEDEL, Manuel Angel. Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências. In: CASTRO, G.; GALENO, A. **Jornalismo e literatura**: a sedução da palavra. São Paulo: Ed. Escrituras, 2005, p. 15-25